

na evolução histórica de um país. Uma reflexão enriquecida pelo contributo de especialistas destas várias áreas, bem-vindo numa altura que é tão premente ‘pensar Portugal’.

Lola Geraldine Xavier

MISOGÍNIA E ANTI-FEMINISMO

EM FERNANDO PESSOA

JOSÉ BARRETO

Lisboa, Babel, 2011

154 páginas, ISBN 9789726172369

No final de um texto incluído neste livro, uma voz interveniente no diálogo que começa com a pergunta “– Porque é que as mulheres se detestam tanto umas às outras?” faz uma observação relevante para o entendimento de qualquer interpretação: “As nossas interpretações são bocados que extrahimos da realidade; e como os extrahimos de lá e eles assim ficam truncados e irreaes, injetamos-lhes vida raciocinando-os. Assim recompomos a realidade. Obtemos (...) uma realidade de uma outra espécie, correspondente á outra a seu modo. Mas correspondência absoluta não pode nem deve haver. Corresponder á realidade é ser incompreensível. Para compreender a vida temos que substituir o que lhe tiramos de real e vida pelo que lhe pomos de compreensível e intellectualmente vivo. (...)”.

Em relação ao estudo de José Barreto em apreço, como em relação a qualquer outro, interessa então perceber a “rea-

lidade” de que parte, os “bocados” que dela foram extraídos, a injeção de vida que nela foi administrada. A “realidade” de que parte é sobretudo o espólio de Fernando Pessoa; os “bocados”, o conjunto de documentos e livros com interesse para se compreender o pensamento de Pessoa no que diz respeito à misoginia e ao antifeminismo; a injeção é uma leitura frequentemente cruzada entre os documentos selecionados, certos livros e anotações neles lançadas, tendo como pano de fundo as tensões que no início do século XX se manifestavam na política, na sociedade e ainda na arte em torno do papel da mulher no mundo ocidental.

Há dois problemas de índole diversa, se bem que com afinidades, para quem tencione pôr em prática um programa tão ambicioso como o atrás descrito.

O primeiro, que costuma ser elidido por causa da convicção instalada da equivalência entre qualquer forma de escrita e compromisso, é o de estimar o peso que documentos de arquivo têm no pensamento de um autor; o segundo consiste em tentar perceber se a posição do autor objeto de atenção se manteve inalterada ao longo do tempo. O primeiro problema é elidido por José Barreto, à semelhança, de resto, do que é prática corrente nos estudiosos de espólios, em Portugal e não só. Uma consequência local deste ponto de vista é, por exemplo, a sugestão de pioneirismo por parte de Pessoa materializada num documento, possivelmente de 1905, onde apresenta um programa

libertário que anteciparia o tratamento de alguns temas aí presentes (a recusa do casamento, bem como do “direito de propriedade da terra e da mulher”) nos manifestos de Marinetti da segunda década do séc. XX (p. 60).

O segundo problema ganha uma acuidade especial no caso de Pessoa, porque muitos documentos do espólio não estão datados e ainda porque, como se lê num texto citado neste livro, Pessoa “não concord[a] com coisa nenhuma, nem mesmo com o que [ele] próprio di[z]” (p. 37). É na abordagem do segundo problema que o livro de José Barreto se apresenta como introdução sólida à maneira como o criador dos heterónimos se situa perante uma tradição política, social e cultural de menosprezo pela mulher. Esta tradição tem raízes distantes e configurações diversas: por ser imperfeita, a mulher não podia fazer parte da criação original; a imperfeição estaria evidenciada na sua inferioridade intelectual em relação ao homem; a sua subalternidade seria resultante de uma chegada tardia da alma ao corpo no processo de gestação, etc. Estes e outros preconceitos enraizados na sociedade judaico-cristã por um conjunto de fatores, em que avultam o peso da mundividência religiosa (desde certas leituras das Escrituras a formas de pensamento tomista, por exemplo) e de organização social, foram combatidos no tempo de Pessoa por correntes heterogêneas de defesa dos direitos da mulher. O estudo de José Barreto permite situar

as diferentes visões do autor português perante esta matéria. E este é um ganho fundamental que contribui para combater a absolutização de afirmações contingentes passíveis de serem encontradas nalgum documento do espólio e precipitadamente alçadas à condição de “O que Pessoa pensava acerca de ...”.

O relato a que José Barreto chega pode ser assim resumido. Pouco antes de atingir a idade adulta, Pessoa defende a igualdade de direitos para as mulheres, designadamente o direito de voto (pp. 27, 59), mas depois tudo muda. Entre 1906 e 1914, desenvolve uma perspetiva misógina ao colocar as pretensões da emancipação feminina em plano semelhante ao da emancipação dos trabalhadores e, nesta medida, fazendo com que os movimentos de valorização da mulher fossem tomados como uma ameaça ao ideário conservador e elitista que perfilhava (pp. 13, 67). O pensamento misógino atenua-se a partir do final da guerra de 1914-1918 quando Pessoa aceita, embora com alguma relutância, o sufrágio feminino enquanto mal menor (pp. 27, 65). Porque atenuação não significa desaparecimento, a ligação afetiva com Ofélia Queirós é taxada de “amor de misógino”, já que se trata de uma ligação com um ser considerado intelectualmente inferior (p. 88). É neste período que a diferença feminina parece ocasionar sentimentos de compaixão, respeito e cavalheirismo (p. 96).

A segurança com que José Barreto conduz o leitor nesta narrativa é também apoiada por elementos colhidos da biblioteca particular de Fernando Pessoa. Esperaria aqui que se referisse com destaque o projeto da biblioteca particular digital de Pessoa, coordenado por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardillo (<http://casafernanadopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/bibParticular.htm>), que é um dos acontecimentos de maior impacto nos estudos pessoanos dos últimos tempos. O acesso a este instrumento permite em parte acompanhar a pertinência das observações de José Barreto, que justamente destaca o leque vasto de posições representado no acervo bibliográfico que Pessoa teve à disposição: desde a defesa do supremacismo masculino de Roberto Nóvoa Santos, *La indigencia espiritual del sexo femenino: Las pruebas anatómicas, fisiológicas y psicológicas de la pobreza mental de la mujer. Su explicación biológica* (Valencia: Sempere, 1908), até à posição contrária patente no romance de Sarah Grand *The Heavenly Twins* (London: William Heinemann, 1901) (pp. 104, 112). Interessante como sempre, este capítulo talvez pudesse conter numa ou noutra ocasião escrita de impulso mais analítico (assim, as anotações de Pessoa que destacam passos do livro de W. H. Crosland *Lovely Woman*, de 1903, são encadeadas sob a forma de um somatório de citações (pp. 107-108).

Fazendo um trajeto da reflexão social para a prática literária de Pessoa,

José Barreto sugere que a figura feminina aparece na literatura pessoana sob a forma de contraposição exemplificativa. Assim, o escritor idealizaria uma mulher etérea, assexuada, que, mesmo quando é configurada como mãe, é virgem para não ter de partilhar as características de sujidade associadas à mulher terrena (p. 42). A análise do trecho que exemplifica este tipo de visão pode ser desenvolvido e, entre a visão terrestre e a visão celeste, há outras vias de configuração do feminino, como a patente no soneto de Alexander Search com o título “On an ankle”, que começa: “I had a revelation not from high/But from below, when thy skirt awhile lifted”. Porque a literatura, aproveitando o trecho citado no início desta recensão, é uma “realidade de uma outra espécie”, tendo a tomar momentos no livro em pauta não tanto como um relato fechado e mais como desafios ou pistas para outras explorações, até porque se toda a escrita pessoana estivesse no mesmo plano, a experiência literária ficaria resumida a uma prática ilustrativa. Em sentido aparentado, a convocação de um trecho de António Mora em que se sugere uma equivalência tácita entre mulheres e prostitutas convida a que se faça um enquadramento, nem que seja pelo ângulo das características da voz que produz estas afirmações (p. 72). Assim, José Barreto parece ter privilegiado uma causa eficiente singular por detrás de um caleidoscópio de textos de épocas e tipos diferenciados, tendo

preferido acentuar a sucessão cronológica sobre a distinção tipológica. Os resultados são sólidos, embora creia que preocupações de distinção tipológica não colidam com a História (mas talvez colidissem com o formato breve deste livro).

Uma nota conclusiva sobre a chancela e coleção onde este livro se integra. As edições Ática, primeiro por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, foram pioneiras na divulgação da obra de Fernando Pessoa e alcançaram o estatuto forte de *vulgata* do texto pessoano. Com a queda da obra do criador dos heterónimos em domínio público, as edições Ática também caíram em práticas repetitivas de direitos adquiridos. Nos últimos anos, muito por causa da ação de Jerónimo Pizarro, esta chancela deixou de ser um armazém de edições nostálgicas para ter vindo a investir, primeiro de maneira tímida, depois nitidamente, em trabalhos editoriais que visam alargar o conhecimento da produção textual de Fernando Pessoa. A coleção “Ensaística Pessoaana”, de que este livro faz parte, é uma aposta que parece resultar da percepção de que já hoje estamos em condições de promover e ler em série estudos sobre frutos da investigação documental no domínio pessoano. É também uma aposta na possibilidade de o pensamento reflexivo, a que José Barreto faz jus, acompanhar a vitalidade recente dos trabalhos editoriais.

João Dionísio

**LENTE BIFOCAL: REPRESENTAÇÕES
DA DIÁSPORA PORTUGUESA
DO SÉCULO XX**
ANA PAULA COUTINHO MENDES
Porto, Edições Afrontamento, 2009
262 páginas, ISBN 9789723610406

Uma série de estudos apresentados na década de 2000 por Ana Paula Coutinho Mendes, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, foram reunidos e atualizados de forma a apresentar “uma perspectiva de literatura comparada”, como justifica a autora nas notas prévias introdutórias. O termo “focalização” torna-se portanto uma *Leitwort* nesse trabalho e o título é evocativo da proximidade da crítica literária com um léxico que diz frequentemente respeito à imagem e à visão.

As lentes bifocais são artefactos, cuja invenção se deve a Benjamin Franklin, para obstar aos muitos incómodos de quem, no auge da maturidade, se via obrigado a conciliar miopia com uma incipiente presbitia. A evolução da tecnologia aplicada à ótica felizmente já produziu lentes progressivas que atenuam o choque da perda da visão normal.

Na parte relativa à apresentação da obra, as referências bibliográficas dão conta da primazia do aparato crítico-documental norte-americano, mesmo quando a investigação diz respeito à emigração de outras etnias (a irlandesa,